

Saúde para o século 21

LUIZ ROBERTO LONDRES*

Temos a convicção de que uma reestruturação visando a melhorar a saúde em nosso país não passa inicialmente pela medicina. É importante o seu papel, mas regulando as atividades sanitárias através dos achados de seus estudos científicos e corrigindo a saúde negada ou perdida. A prática médica entraria nas últimas etapas do atendimento à saúde. Se fôssemos resumir em uma frase, diríamos que essa reestruturação deveria minimizar as ações curativas em função de ações de profilaxia.

Comparando, a Alemanha não é reconhecida na construção de veículos pelo número e excelência de suas oficinas, nem o país que mais pune o crime está à frente daquele que mais o evita. Em nosso país o foco sanitário perdeu-se através dos tempos. O discurso moderno usa a saúde quando quer falar de doença.

Na mente coletiva convivem os dois conceitos. Falamos de uma, digamos assim, já que está em moda, ecologia médica, mas deslumbramo-nos com as maravilhas tecnológicas e a manipulação do microcosmo celular. Nossas percepções, com frequência, tomam por todo uma das partes, seja nos discursos, seja nas considerações.

Essas percepções a respeito da saúde estão de acordo com o momento presente, que é do culto muitas vezes irrefletido tanto à máquina quanto ao meio ambiente. É nossa opinião que os movimentos e ações nessa área deveriam ter a seguinte progressão em tempo e importância.

O primeiro passo seria através do desenvolvimento de um Programa Nacional de Educação Sanitária para as escolas de primeiro e segundo graus. O despertar das consciências infantis e juvenis para o significado dos hábitos alimentares, de higiene e de cuidados primários com a saúde e com atitudes é a semente sem a qual a árvore da saúde nunca deixará de ser um arbusto raquítico.

O passo seguinte em importância passa ainda ao largo da medicina. Trata-se de dar condições às populações de terem uma vida condizente com a saúde através da engenharia sanitária. Água limpa e esgoto tratados, devidamente canalizados até seus destinos finais, concorrem mais para a saúde do que um bom número de médicos e hospitais. Juntem-se a essa medida as ações sanitárias no sentido da erradicação de endemias rurais e urbanas, além, é claro, da constante melhoria de um já bem encaminhado sistema de vacinação.

A formação médica deveria receber uma completa reformulação, não só em sua forma como em sua própria essência. Não é admissível que diplomas de médicos sejam distribuídos sem os mesmos cuidados com que se distribuem licenças para pilotos de jato. Nos tempos atuais, certificados parciais específicos poderiam ser dados a quem quisesse atuar em áreas de riscos limitados e conhecidos.

A primeira ação específica em relação à saúde individual em que a medicina é o agente principal seria o acompanhamento da saúde (sem os medonhos exageros por vezes existentes) de cada um através de ambulatórios próximos, simples e modernos, com prontuários informatizados e inteligentes (isto hoje é relativamente barato), onde cada agente de saúde, médico ou não, tenha uma função que transcenda aos simples ato clínico, de modo a transformar uma rotina por vezes enfadonha em uma atividade mais produtiva e mais interessante, aí incluídas as atividades científicas.

Os exames mais simples, os primeiros socorros e os tratamentos mais conservadores seriam também prestados nos ambulatórios. Devemos levar em conta que os atuais custos e recursos de informática nos permitem prever a possibilidade de que esses ambulatórios estejam ligados em rede e aos hospitais, facilitando troca de dados e interconsultas entre médicos dos ambulatórios e de qualquer hospital ligado à rede.

Os hospitais seriam o próximo passo. A eles seriam encaminhados apenas casos que necessitassem de maiores intervenções ou vigilâncias específicas. Esse encaminhamento em determinados casos seria virtual, através dos recursos de teleinformática (volto a insistir em que isso já está ao nosso alcance de maneira bastante acessível).

Em suma, para que se possa romper uma estrutura viciosa é mister priorizar no tempo a manutenção da saúde sobre a cura das doenças. Os dois principais caminhos inerentes ao pensamento médico da atualidade são, sempre que for possível, o de uma progressiva "desmedicalização" da saúde seguida de uma crescente "desospitalização" das doenças.